

ATRIBUIÇÃO CONFIRMADA: A PINTURA DO FORRO DA CAPELA-MOR DOS TERCEIROS DO CARMO EM MOGI DAS CRUZES (SP)

Danielle Manoel dos Santos Pereira¹

As Igrejas – Ordem Primeira e Ordem Terceira – de Nossa Senhora do Carmo em Mogi das Cruzes (SP), fazem parte de um conjunto amplo, são interligadas por um corredor interno e compartilham na fachada, sem divisões arquitetônicas, da mesma torre sineira. A Igreja da Ordem Terceira, objeto desse estudo, foi construída por volta do ano de 1698, onde estava localizado o antigo jazigo da Ordem Primeira.

Enquanto sua construção não ocorria, os terceiros prestavam sua devoção à Nossa Senhora do Carmo em um dos altares laterais da Ordem Primeira.

A Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo em Mogi das Cruzes (SP) é caso excepcional na história da arte colonial paulista, em razão das belíssimas pinturas existentes no forro da igreja, a construção abriga três trabalhos de grande valor pictórico localizados no forro da nave, no forro da capela-mor e no forro do vestíbulo da sacristia. A excepcionalidade destas obras deve-se ao fato de não haver na pintura colonial paulista trabalhos similares a estes, sobretudo as pinturas do forro da nave e da capela-mor.

As pinturas existentes no forro da Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Mogi das Cruzes (SP), foram pouco pesquisadas, assim como a pintura paulista colonial; de modo geral, serão necessários empenhos diversos por parte dos pesquisadores para que um panorama artístico do período possa ser traçado.

Contudo, esta empreitada não objetiva alcançar esse panorama, porém almeja ser *uma parte* importante para que *o todo* seja feito; isso se dará a partir do momento em que algumas questões relativas às pinturas da Igreja do Carmo dos terceiros forem alcançadas.

Dentre as dúvidas que tais obras despertam nos pesquisadores, é a aproximação com as pinturas executadas nas Igrejas da “Rota do Serro” – região de Diamantina e Serro no meio norte mineiro – que direcionaram inicialmente a presente pesquisa. Contudo, para que fosse possível

¹ Mestranda em Artes IA/UNESP. Especialista em História da Arte. Agência financiadora FAPESP.

analisar as possíveis semelhanças entre as obras paulistas e mineiras, outro aspecto ainda mais relevante carecia de esclarecimentos, as autorias destas obras, sendo assim, antes das comparações e análises estilísticas os esforços primários deveriam conduzir a encontrar o nome dos artistas responsáveis por tais trabalhos.

Saint-Hilaire (1976) chamou atenção quando declarou que os paulistas do período colonial não eram adeptos dos registros, de salvaguardar a história para o porvir; eram os “[...] paulistas, como os gregos dos tempos heróicos, viviam à cata de aventuras, enfrentavam todos os perigos e guerreavam com valentia, mas não deixavam nada escrito [...]” (SAINT-HILAIRE, 1976, p.36). Esse dado se pôde comprovar no desenvolvimento da pesquisa. Foi um dos maiores obstáculos colocados a esta pesquisa encontrar documentos de uma sociedade avessa a produzi-los, sobretudo quando indicações apontavam para a inexistência dos mesmos.

Ainda diante das negativas, os primeiros levantamentos avançaram e minimamente são expostos com informações mais precisas e documentos inéditos tornar-se-ão conhecidos a respeito do executor da pintura do forro da capela-mor mogiana.

Nosso interesse, portanto, volta-se para a pintura do forro da capela-mor, notamos haver um conflito entre duas pinturas (FIG. 1), uma visível e outra invisível, que deve ter sido apagada embora alguns traços tenham resistido ao tempo e à ação humana, a fala de profissional especializado em restauro reforça nossa hipótese.

Existem três camadas de pintura sobrepostas neste teto, sendo a mais recente a tarja atualmente visível, o teto encontra-se repintado na maior parte da sua área, tendo sido recobertas diversas formas nas laterais, poupando-se apenas o medalhão central com a cena de Nossa Senhora entregando o escapulário a São Simão Stock. Nas laterais há um fenômeno de migração ou transparência de pintura, percebendo-se claramente a silhueta das figuras dos 4 evangelistas com o seus atributos:²

Dessa pintura que se revela aos poucos ao espectador, o antigo prior da Ordem Terceira, Francisco Pinheiro Franco (1904)³, nos informa ter sido pintada por Lourenço da Costa⁴ em razão

2 Entrevista do restaurador, Júlio Eduardo Correa de Moraes, concedida à autora em 19 de julho de 2012.

3 O pesquisador mogiano Jurandyr Ferraz de Campos (2004) também teve acesso a esse documento conforme menciona, contudo ele indica que o texto datilografado tenha sido escrito pelo frei carmelita Timotheo van den Broek. Discordamos desse posicionamento, pois esse texto está datado de 2 de nov. 1904 e trata-se de um relatório elaborado pelo prior do Carmo, Francisco Pinheiro Franco, conforme a informação ao final do texto. Logo, cremos que o frei carmelita realizou desmesurada pesquisa para os levantamentos a respeito da história mogiana e carmelita, porém não havendo nenhuma referência a ele nas páginas desse manuscrito, seguiremos o que consta no documento e, embora não haja assinatura, optaremos por utilizá-lo atribuindo-o ao prior da Ordem Terceira, Francisco Pinheiro Franco (prior da Ordem de 1900 a 1904).

4 O pintor Lourenço da Costa é desconhecido, no entanto o prior Francisco Pinheiro Franco (1904) informa ser ele um célebre artista da cidade de Santos, o mestre do pintor Jesuíno do Monte Carmelo.

das festividades do *Jubileo de Santa Tereza* que ocorreriam na igreja (período em que a Ordem Terceira servia de sede à Ordem Primeira durante sua reforma). Sendo assim, os terceiros e os padres reuniram-se para garantir que fosse uma festividade como a população jamais vira, assim sendo, ornaram o templo e encomendaram também a pintura do forro da capela-mor.

Dessa pintura nada se pode atestar, nem refutar ou mesmo comprovar, primeiramente pela inexistência dos documentos, segundo por não haver registro ou qualquer outra imagem do interior da igreja no século XVIII. As hipóteses que surgem quanto à pintura ocorrem em razão das marcas no forro, que podem ser vistas a olho nu, e, para isso não é necessário nenhum recurso técnico, basta olhar as manchas que se descortinam sob a pintura atual.

Embora não exista nenhuma informação concreta a esse respeito, análises estilísticas demonstram ser uma pintura de gosto rococó, característica das igrejas setecentistas, onde o forro foi totalmente cercado por muro-parapeito, no qual foram representados nas extremidades os Santos Evangelistas, que podem ou não estar assentados por detrás de balcões, porém esse elemento não está visível (até o momento).

A admissão dos Santos Evangelistas nessa pintura – invisível – ocorre em virtude das atitudes e gestos em que os personagens foram representados, ou seja, os símbolos que ostentam essas figuras estão muito ligados à iconografia dos Evangelistas, por isso a crença em terem sido parte da obra anterior. Logo, temos do lado da Epístola: São Marcos (FIG. 2) que figura com um leão (junto ao arco) e São Mateus (FIG. 3) figura com o anjo (junto ao altar), do lado do Evangelho: São Lucas (FIG. 4) figura com o boi (junto ao arco) e São João Evangelista (FIG.5) figura com uma ave (junto ao altar).

Quanto ao quadro central nada se sabe, pois ou fora bem removido do forro e nada restou, ou ainda não conseguiu manchar a tarja existente, por não ser possível perceber nada a olho nu na camada de tinta atual.

Essas pinturas carecem de restauro profundo para que suas cores possam ser reintegradas, pois há, inclusive, registros fotográficos nos quais o fundo do forro estava pintado de amarelo pálido, muito diverso do registro atual onde o fundo é azulado, embora esteja descascando e deixando a mostra outras camadas de cores.

Procedendo à restauração, até mesmo os evangelistas poderiam conviver harmonicamente

com a tarja atual, ou não, teriam que ser apagados por completo para que somente a última pintura sobreviva, questões essas que serão mais tarde evocadas, quando houver um projeto (sobretudo recursos destinados para tal) para restauro.

Apesar de não haver definição quanto à pintura que foi supostamente⁵ realizada por Lourenço da Costa, é possível afirmar por meio de um lançamento no *Livro de Receitas e Despesas da Ordem Terceira do Carmo*⁶ que o forro da igreja que ruiu fora reaproveitado para a nova capela-mor, conforme consta no trecho do documento (FIG. 6) transcrito abaixo:

Transcrição da página 138 (verso) - Despesas de 1807
 “Para armar o andaime, dejornais.....\$320
 P^a. os pintores de Rapar o forro da Capela-Mór.....1\$760”.

Primeiramente ocorre um pagamento de jornais para que um andaime fosse armado e, logo em seguida, outro lançamento, esse sim, referindo-se aos pintores para “rapar” o forro da capela conforme a transcrição acima. Logo, é possível perceber que havia efetivamente algo pintado no forro e que este foi reaproveitado, embora não haja maiores detalhes sobre o conteúdo.

Quanto à pintura visível, para que fosse possível empreender a busca por sua origem, foi necessário buscar os dados relativos à autoria da obra. Autoria que já havia sido atribuída por pesquisadores – Salomão, Tirapeli (2005) – ao pintor Antônio dos Santos, porém sem nenhuma confirmação por meio de documentação arquivística.

Partindo do estudo de Jurandy Ferraz de Campos (2004), obteve-se a mesma informação, de que teria sido essa pintura realizada por Antônio dos Santos. Contudo, o pesquisador refere-se a pagamentos “lacônicos” e não especifica dados do documento pesquisado (exceto o ano em que o lançamento fora realizado); sendo assim, recorreu-se à busca por documentos que puderam **afirmar em definitivo a autoria dessa obra e comprová-la documentalmente ao pintor Antônio dos Santos**, conforme trecho do documento (FIG. 7) transcrito abaixo.

Transcrição da página 154 (verso) despesas de 1815:
 “P. Dr^o. para Tintas para o fôrro damesma Cappela 21 Ø 380

5 Não foi encontrado durante a pesquisa nenhum documento anterior aos anos de 1750, somente a partir de 1760, logo, não há como confirmar essa autoria, sobretudo por não haver o conhecimento do que fora pintado e ainda por só haver os textos datilografados e manuscritos sem assinatura do autor, conforme a referência anterior.

6 BELO HORIZONTE. Arquivo da Província Carmelitana de Santo Elias. Cidade: Mogi das Cruzes. Monumento: Igreja da Ordem Terceira do Carmo. Livro: receita e despesa, 1768-1818.

“P. Dr^o. que sepagou ao Pintor Antônio dos Santos depintar a mesma Cappella 78 0
720”.

Trecho transcrito⁷ pela autora, extraído do *Livro: Despesas da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Mogi das Cruzes de 1768 a 1818*.

É provável que essa pintura tenha sido concluída por volta do ano de 1817, onde há dois lançamentos, um que apresenta a finalização do douramento da capela e outro que trata de despesa para que descessem o andaime utilizado na capela; logo, não seria possível mais nenhum tipo de intervenção no forro. Portanto, estima-se que a pintura e o douramento da capela tenham sido realizados no mesmo período, talvez em paralelo; sendo a pintura executada por Antônio dos Santos e o douramento por Antônio da Silva Pontes, conforme a transcrição⁸ abaixo:

Transcrição da página 157 (verso) despesas de 1817:

“Dr^o. que pagou a Antônio da S.^a Doirador, de três dias e meio de serviço para findar obra 1 \$120

Dr^o. para Vermelham, e Alvaiade para a mesma obra \$160

Dr^o. que dispenseo com o forro da.(palavra ininteligível) edeçer o Andaime da Cappella-Mor \$440.”

Deve-se esclarecer a abreviatura⁹ utilizada pelos terceiros no sobrenome do dourador Antônio da Silva Pontes, responsável pelo douramento da capela-mor, que poderia gerar confusões com o nome do pintor Antônio dos Santos, pois em pagamentos distintos o nome do dourador é apresentado de maneiras diversas; conforme apurado acima, o nome do dourador é escrito abreviado e, no documento abaixo aparece o nome por completo; isso posto, apresenta-se o trecho que faz referência ao dourador, no qual é possível distingui-lo do pintor Antônio dos Santos:

Transcrição da página 149 (verso) - despesas de 1813:

7 Não consideramos a informação “lacônica”, pois inúmeros lançamentos desse mesmo ano anteriores ao trecho transcrito tratam das obras que estavam sendo realizadas na capela-mor, sobretudo por não haver na construção nenhuma capela anexa, logo, o pagamento refere-se diretamente ao forro da capela-mor, já que esse já havia sido raspado conforme a transcrição anterior (1807) apresentado e as obras de douramento estavam sendo realizadas por outro artista, sendo assim, nos parece bastante claro que Antônio dos Santos seja responsável por essa pintura.

8 Transcrição da autora.

9 Conforme Campos (2004), todo o trabalho de douramento da capela-mor fora realizado por Antônio da Silva Pontes: “A Sexta etapa (1815-1818); o douramento de toda a Capela-mor, incluindo o retábulo, as tribunas e as duas portas laterais, foi feito pelo mestre dourador Antônio da Silva Pontes que trabalhou 416 dias e meio, de 1814 a 1818. Pelo seu trabalho recebeu o total de 133\$440 réis, ou seja, 320 réis por dia.” (CAMPOS, 2004, p. 20). Para a pesquisa é importante que seja feita a distinção entre os artistas, pois ambos poderiam ser discriminados com o sobrenome abreviado do seguinte modo “Antônio da S.^a”, mas no intuito de dirimir confusões entre os mesmos, esclarecemos que de modo geral os pagamentos a Antônio dos Santos apresentam o termo **pintor**, enquanto os de Antônio da Silva Pontes aparecem por extenso ou quando o sobrenome é abreviado estão sempre acompanhados da palavra **doirador**.

“Pelo que pagou a Antônio da Silva Pontes de incarnar a Imagem do Senhor Crucificado da Sancristia a quantia de 2 \$400”

Não há como contestar, portanto, a autoria de Antônio dos Santos como pintor do forro da capela-mor da Igreja da Ordem Terceira do Carmo em Mogi das Cruzes (SP). Identificar a autoria dessa pintura possibilitará que comparações mais sólidas possam ser empreendidas quanto às pinturas do meio norte-mineiro.

Antônio dos Santos executou no forro da capela-mor uma tarja central (FIG. 8), sem nenhuma ornamentação nos cantos do forro, algo muito comum ao ciclo das pinturas de gosto rococó do início do século XIX. O tema da visão central é a representação da *entrega do manto pela Virgem do Carmo a um santo carmelita*. A cercadura desse quadro possui formas conchóides e circulares em formato de “S”, com guirlandas de flores saindo das curvaturas. Na paleta de cores utilizada predominam nuances de vermelho e azul.

BIBLIOGRAFIA

Referências Arquivísticas:

BELO HORIZONTE. Arquivo da Província Carmelitana de Santo Elias. Cidade: Mogi das Cruzes. Monumento: Igreja da Ordem Terceira do Carmo. Livro: Receita e despesa, 1768-1818, 1824-1859; Documentos avulsos s/ data; Livro: Entrada de irmãos, 1754; Livro: Atas, 1762.

BELO HORIZONTE. Arquivo da Província Carmelitana de Santo Elias. Cidade: Mogi das Cruzes. Monumento: Igreja e Convento do Carmo. Dados históricos e notas diversas, 1611-1935; Bens Urbanos; Desenhos do Terreno; Livro: Tombo, 1629; Livro: Receita e despesa, 1749-1768; Documentos avulsos: maço irmandades.

Referências Bibliográficas:

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros. *O mestre pintor José Patrício da Silva Manso e a pintura paulistana do Setecentos*. Dissertação (Mestrado em Artes). Departamento de Artes Plásticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. A Pintura Colonial em Minas Gerais. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: MEC, 1978. p. 11-74. n. 18.

ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. *Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação*. Rio de Janeiro: Cia. Ed. Nacional/Fund. J.Pinheiro/Fund. R. Marinho, 1980.

- CAMPOS, Jurandyr Ferraz. *Suma histórica da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Mogi*. Mogi das Cruzes: Murc Editora Gráfica, 2004.
- FERREIRA, Emilio A. *Mogy das Cruzes: dados históricos e notas diversas – 1611-1935*. [s.l.: s.n.] 1935.
- GRINBERG, Isaac. *História de Mogi das Cruzes*. São Paulo: Saraiva, 1961.
- JARDIM, Luiz. A Pintura decorativa em algumas Igrejas antigas de Minas. In: *Revista do SPHAN*. Rio de Janeiro: MEC, 1939.
- LEVY, Hannah. Modelos Europeus na Pintura Colonial. In: *Revista do IPHAN*. São Paulo: FAU-USP/ MEC/IPHAN, 1978. n. 7
- MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos Séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: IPHAN, v. 1-2, 1974.
- NEGRO, Carlos Del. *Nova Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira: norte de Minas*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1978.
- OLIVEIRA, Myriam Ribeiro de. A Pintura de Perspectiva em Minas Colonial: ciclo rococó. In: *Barroco teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, 1997.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- SALOMÃO, Myriam; TIRAPELI, Percival. Pintura colonial paulista. In: *Arte Sacra Colonial: Barroco Memória Viva*. São Paulo: UNESP, 2005.

FIGURAS



FIG. 1 – c. 1814. Antônio dos Santos. Entrega do manto pela Virgem do Carmo à um santo carmelita, Têmpera sobre madeira. Forro da capela-mor da Ordem Terceira do Carmo. Mogi das Cruzes, SP.



FIG. 2 - c. 1814. Antônio dos Santos. (DETALHE) Evangelistas: São Marcos. Têmpera sobre madeira. Forro da capela-mor da Ordem Terceira do Carmo. Mogi das Cruzes, SP.



FIG. 3 - c. 1814. Antônio dos Santos. (DETALHE) Evangelistas: São Mateus. Têmpera sobre madeira. Forro da capela-mor da Ordem Terceira do Carmo. Mogi das Cruzes, SP.



FIG. 4 - c. 1814. Antônio dos Santos. (DETALHE) Evangelistas: São Lucas. Têmpera sobre madeira. Forro da capela-mor da Ordem Terceira do Carmo. Mogi das Cruzes, SP.



FIG. 5 - c. 1814. Antônio dos Santos. (DETALHE) Evangelistas: São João Evangelista. Têmpera sobre madeira. Forro da capela-mor da Ordem Terceira do Carmo. Mogi das Cruzes, SP.

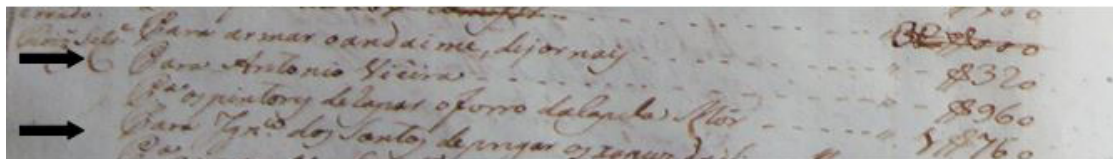


Fig. 6 – (DETALHE) Trecho da página 138 do Livro de Despesas da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Mogi das Cruzes de 1807. Fonte: Arquivo da Província do Carmo de Santo Elias.

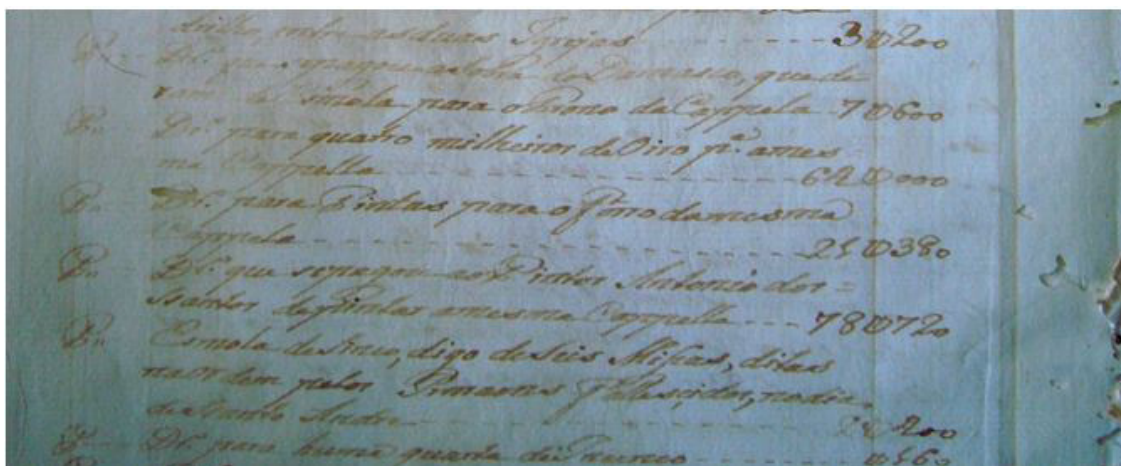


Fig. 7 – (DETALHE) Trecho da página 154 do Livro de Despesas da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Mogi das Cruzes de 1815. Fonte: Arquivo da Província do Carmo de Santo Elias.



FIG. 8 - c. 1814. Antônio dos Santos. (DETALHE) Entrega do manto pela Virgem do Carmo à um santo carmelita, Têmpera sobre madeira. Forro da capela-mor da Ordem Terceira do Carmo. Mogi das Cruzes, SP.